

## LEITURA x INTERNET: ALIADAS OU RIVAIS NO INCENTIVO À LEITURA?

READING vs. INTERNET: ALLIES OR RIVALS IN THE INCENTIVE TO READING?

- **Ana Paula Campos Fernandes** (Unipac / Univesp / Escola Estadual Professor Néilson de Sena – [prof.anapaulagv@gmail.com](mailto:prof.anapaulagv@gmail.com))
- **Allisson Roberto Isidorio** (Universidade Federal de Juiz de Fora - [allisson.prof@gmail.com](mailto:allisson.prof@gmail.com))

### Resumo:

A leitura é um elemento essencial nas relações humanas, pois permite ao leitor contato com diferentes informações. Entretanto, a modernidade exige muito além de ser apenas alfabetizado. É necessário possuir a habilidade de múltiplos letramentos, conceito que relaciona a compreensão da leitura ao contexto social. Desta forma, o objetivo central deste trabalho versa sobre os hábitos de leitura entre adolescentes, que cada vez mais se apropriam do espaço virtual para a prática de leitura. Entretanto, os professores da educação básica desvalorizam e, muitas vezes, não fazem uma mediação deste processo. É urgente que as TICs sejam utilizadas nos espaços escolares, pois, conforme previsto nas legislações educacionais, a escola deve preparar o aluno para se tornar um sujeito social, capaz de compreender os diversos textos veiculados na sociedade. A metodologia utilizada neste trabalho foi revisão bibliográfica e um estudo de caso através de questionário estruturado com alunos da 2ª série do ensino médio de uma escola estadual na cidade de Governador Valadares - MG. Através do percurso realizado, foi possível perceber que de fato os adolescentes estão conectados ao mundo virtual e a escola não tem cumprido o seu papel de mediação do ensino/aprendizagem através dos meios digitais.

**Palavras-chave:** Internet. Leitura. Multiletramentos.

### Abstract:

Reading is an essential element in human relationships because it allows the reader to contact different information. However, the modernity requires much more than just being literate. It is necessary to have the ability of multiple literacies, concept that relates the understanding of reading to the social context. In this way, the main objective of this work is about reading habits among adolescents, who are increasingly appropriating the virtual space for reading practice. However, teachers of basic education devalue and often do not mediate this process. It is urgent that TICs be used in school spaces, because, as provided in educational legislation, the school should prepare the student to become a social subject, able to understand the various texts conveyed in society. The methodology used in this work was a bibliographical review and a case study through a structured questionnaire with high school students of a state school in the city of Governador Valadares - MG. Through the course, it was possible to perceive that in fact the adolescents are connected to the virtual world and the school has not fulfilled its role of mediation of teaching / learning through digital means.

**Keywords:** Internet. Reading. Multiliteracies.

## 1. Introdução

Realizado por:



Parceiros:



PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO  
EM EDUCAÇÃO



PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO  
EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA  
E SOCIEDADE (CTSP)

Apoio:



Atualmente, a leitura é um elemento essencial nas relações humanas, pois permite ao leitor contato com diferentes informações. Entretanto, o surgimento e popularização da internet na década de 1990 repercutiu em mudanças significativas no modo como os textos são lidos e escritos.

Neste sentido, a prática de leitura sofre mudanças na sociedade contemporânea. O acesso a livros e textos diversos ampliou-se com a evolução tecnológica, eles apresentam complementos, abandonando a ideia estática. Assim, mistura diferentes linguagens e modos proporcionado por meios digitais. Neste modo, a internet é um canal que permite ao leitor; criar, recriar, adaptar e transformar textos (CUNHA, 2015).

Diante desta mudança, o processo de ensino/aprendizagem entre professores e alunos torna-se um paradigma, pois a internet tem sido considerada, por muitos professores, como a grande vilã fazendo com que os alunos da geração atual (denominada geração Z ou nativos digitais) não leiam.

A leitura faz parte dos conteúdos propostos em documentos oficiais que respaldam a educação básica, sendo sua prática permanente em todo processo escolar. Neste sentido, diante das transformações de comportamentos da sociedade, é de suma importância questionamentos acerca da função da escola em despertar o interesse de alunos pela leitura. Segundo Caixeta *et al.* (2016) a prática de leitura entre jovens é essencial, pois exige-se uma familiaridade para demandas sociais, dentre elas a inserção dos alunos em cursos superiores e mercado de trabalho, através de exames como ENEM e vestibulares. De fato, a escola deve preparar-se para esse novo cenário social, uma vez que a tecnologia e acesso à internet atingem classes econômicas diferentes.

Espera-se, através deste estudo, demonstrar que o uso pedagógico das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) deve promover o incentivo e a democratização da leitura. Para responder a esta questão, será realizada uma revisão bibliográfica acerca da leitura tradicional, realizada por meio do papel, bem como, a leitura no meio digital, em que pressupõe que o leitor, além de ser alfabetizado seja, também, letrado no mundo digital.

## 2. Referencial Teórico

O conceito central deste trabalho versa sobre os hábitos de leitura entre adolescentes, tornando-se necessário definir, inicialmente, conceitos básicos sobre o universo literário. Assim, o vocábulo 'leitura' é definido-o como "1. O ato ou o hábito de ler; 2. O que se lê; 3. (figurado) Maneira de compreender um texto, uma mensagem, um fato; 4. O ato de decifrar qualquer notação ou resultado." (VILLAR, 2011, p. 581). Portanto, a leitura não está estritamente relacionada ao fato de ler palavras, mas também, a ler o contexto, de forma que as mensagens não são materializadas, unicamente, por meio de palavras escritas, as imagens (textos não-verbais) podem ser textos à medida que transmitem uma mensagem a um interlocutor. Conforme salienta Freire (1989, p. 9), "A leitura não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra."

Neste sentido, o texto é o "produto da atividade discursiva", ou ainda, pode ser definido como "toda e qualquer forma de comunicação fundada num sistema de signos, (...)

uma unidade linguística de sentido e de forma, falada ou escrita, de extensão variável que lhe conferem a condição de ser compreendido” (OLIVEIRA, 2015, p. 193). Assim, texto é mensagem que pode ser compreendida, seja através da linguagem escrita, oral, desenhada.

Em contrapartida, o contexto “é a situação histórico-social de um texto, que envolve instituições humanas e outros textos. É a moldura de um texto, ou o enquadramento situacional e circunstancial de ocorrência”. Para interpretar a mensagem é necessário texto e contexto, uma vez que “o sentido não se encontra no texto, mas se constrói a partir dele no curso da interação” (SILVA, 2002, p. 13).

Mesmo que a forma verbal (oral/escrita) da linguagem seja privilegiada, há que se considerar que os textos não verbais (desenhos, símbolos, emoticons, placas de trânsito, dança, tom da voz, etc) são significativos na realidade atual. Ambas as linguagens são bastante veiculadas nos meios de comunicação digital.

Portanto, o processo de leitura deve considerar texto e contexto, pois a linguagem é parte integral do processo social, a linguagem e a sociedade influenciam-se mutuamente. (FAIRCLOUGH, 2016). Desta forma, para que haja compreensão do texto lido não é necessário somente o processo de alfabetização, como também, que o indivíduo leitor seja letrado sobre a realidade que o cerca.

Diante do surgimento do letramento, o fato de um sujeito ser alfabetizado não atende mais às demandas da modernidade sendo necessário expandir o conceito de letramento a partir da evolução social. A era tecnológica trouxe possibilidades diferentes de leitura, tornando-a mais cativante através de estratégias visuais, sonoras e interativas na busca de atrair leitores, neste sentido, nasce o conceito de multiletramento.

Segundo Rojo e Moura (2012, p. 13) apud TANZI NETO et al (2013, p. 136) o conceito de multiletramentos não está relacionado unicamente à concepção textual, a definição deste conceito está relacionado à “multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição de textos por meio dos quais ela se informa e se comunica”. Assim, a transformação da sociedade influencia a dinamicidade dos textos que são circulados socialmente.

Portanto, a imersão da população no ambiente digital exige uma mudança nas habilidades de leitura, a partir de estratégias pedagógicas, uma vez que os textos abandonam a ideia de um corpo textual somente com palavras e começam a apresentar outros itens. Segundo Baladeli e Cascavel (2011), os textos aparecem em meios digitais com arranjos textuais surgidos e exclusivos da internet e perpassa pela exigência do leitor compreender essas novas habilidades. Diante disso, afirmam que as TICs e sua devida implementação têm sido um desafio principalmente em desenvolver leitores capazes de entender textos virtuais. Espaço que propicia o uso de abreviações e imagens em vez de palavras pela necessidade de comunicação rápida, ou seja, a forma convencional de ler textos perdeu espaço para texto e hipertexto em ambiente virtual.

Apesar dessa ampliação na noção sobre a linguagem, a proposta dos multiletramentos reconhece o papel do letramento tradicional e enfatiza a complementaridade entre formas mais tradicionais de letramento, as quais envolvem leitura e escrita da linguagem verbal, como processos socialmente constituídos, em interação com novas formas de negociação

de significado, baseadas na manipulação de diferentes recursos semióticos, como imagens e sons (CATTO, 2013, p. 159).

Portanto, os profissionais da educação devem adequar-se às novas demandas educativas, não cabendo na escola somente a prática de leitura em textos físicos, pois é necessário que os estabelecimentos de ensino acompanhem as tecnologias que podem beneficiar o ensino-aprendizagem dos discentes. Entretanto, é preciso vencer as barreiras do uso do computador e da tecnologia na escola e principalmente a formação de professores. Portanto, no próximo tópico serão abordadas questões relacionadas ao papel da escola, principalmente, a função do professor diante das mudanças trazidas pelas tecnologias da informação.

### **2.1 O papel do professor no processo de leitura atual**

Sabe-se que a escola e seu processo de desenvolvimento intelectual não é algo moldado, fixo e rígido, pois trata-se de formação humana que abrange o homem e o meio que vive. Portanto, o trabalho da escola deve acompanhar as transformações da sociedade e principalmente a valorização das experiências dos alunos. Neste contexto, existem dois protagonistas: o professor e o aluno. O qual o primeiro tem a difícil missão de estar sempre atualizado enquanto estratégias, métodos e possibilidades de ensino. Em relação à tecnologia Hack e Negri (2011,) afirmam que o primeiro passo para inserir a tecnologia em âmbito educacional é o professor reconhecê-la como recursos de aprendizagem, mediando o compartilhamento de conhecimento.

O professor está interligado com as mudanças sociais, entretanto, estar preparado para o mercado de trabalho e para as demandas sociais não é tarefa simples. Por este motivo, a formação profissional deve ser uma preocupação das instituições, uma vez que o contexto escolar da modernidade traz uma complexidade de situações em que o professor encontra-se sobrecarregado de tarefas, conforme salientam Freire e Guimarães (2011):

Se dentro de uma escola concreta já era difícil você levar a cabo sua tarefa de educador, de professor num mundo onde as comunicações não iam tão rápido, com tanta e tão variada substância, imagine agora você dentro dessa escola, com problemas parecidos aos anteriores, problemas internos à escola, mas acrescidos, ainda, de uma realidade dos meios que praticamente invadem a escola por todas as janelas e portas! (FREIRE E GUIMARÃES, 2011, p. 71).

Contribuindo para este cenário complexo, nem sempre as instituições de ensino, sobretudo as públicas, proporcionam e incentivam a atualização profissional, nem mesmo possuem estrutura física adequada para que a o uso da tecnologia seja, de fato, aplicada em sala de aula: “O problema é que as escolas estão sempre muito atrasadas com relação ao uso da tecnologia, dos instrumentos, por N razões, até por falta de verbas, em países como nosso” (FREIRE E GUIMARÃES, 2011, p. 72).

Contudo, é importante a criação de estratégias para que a tecnologia seja utilizada na escola, pois otimiza e incentiva a leitura e o processo de ensino/aprendizagem de forma criativa: “o uso dos meios, de um lado, desafia, mas, de outro, possibilita uma amplitude da criatividade dele [professor] e do educando” (idem, p. 71). Desta forma, o professor deve oportunizar ao aluno a aprendizagem

significativa por meio da tecnologia. Uma das possibilidades de utilização desta ferramenta, mesmo sem estrutura física nas escolas, seria contar com os aparelhos eletrônicos pertencentes aos alunos, já que a maioria dos estudos demonstram que quase todos os adolescentes possuem pelo menos um smartphone (conforme demonstrado na análise dos dados).

Portanto, é importante unir tecnologia e leitura mediadas pelo professor na busca do desenvolvimento intelectual do aluno e, principalmente, conscientizar os discentes sobre a importância da leitura no cotidiano seja ele formal ou informal.

Sabino (2008) afirma que não deve-se ler sem reflexão do conteúdo, sem perceber a intenção do texto, ou seja, realizar uma leitura de forma mecânica, pois retirar informações de textos não é suficiente. É preciso que ao final da leitura os alunos sejam capazes de realizar análise crítica enquanto a mensagem transmitida, neste sentido demanda raciocínio, esforço mental e a prática constante de leitura a textos mais complexos.

Assim, o uso de tecnologia na prática de leitura deve ser um atrativo, uma vez que são textos menos complexos. Esta seria uma forma de aproximar o aluno da leitura e motivá-lo, conforme salientam Mata; Monteiro e Peixoto (2009, p. 564): “as características motivacionais ao longo da escolaridade poderá levar a uma melhor compreensão das particularidades inerentes à motivação para a leitura e conseqüentemente a uma intervenção mais apropriada para a sua promoção.”

A ideia de utilizar as tecnologias no ambiente educacional não é nova e deve ser, de fato, utilizada pois, nos documentos oficiais, mais precisamente os PCNS, PCNEM e BNCC já citam uso de computadores e tecnologia: “É indiscutível a necessidade crescente do uso de computadores pelos alunos como instrumento de aprendizagem escolar, para que possam estar atualizados em relação às novas tecnologias da informação e se instrumentalizarem para as demandas sociais presentes e futuras.” (BRASIL, 1998, p. 96); “a tecnologia é o tema por excelência que permite contextualizar os conhecimentos de todas as áreas e disciplinas no mundo do trabalho” (BRASIL, 2000, p. 93).

Neste sentido, é um desafio para a escola tornar seus alunos leitores, pois os meios digitais atraem os jovens, mas a escola em um contexto geral não preparou-se para isso. Segundo Xavier (2005), a contribuição que a internet permite ao leitor é valiosa em formação intelectual e linguística, tornando os usuários em leitores assíduos, seja em textos verbais e não-verbais, visuais, sonoros e hipertextuais, que infelizmente a escola e sua organização milenar de metodologias consegue com muita dificuldade.

### 3. Metodologia e Análise de Dados

Este artigo surge da indagação dos autores<sup>1</sup> a respeito das mudanças ocorridas pela tecnologia no ambiente escolar. Muitos professores apresentam resistência no uso das tecnologias por descreditarem a eficiência desta ferramenta para fins de aprendizagem.

É fato que ocorre diariamente conflitos entre professores e alunos, isto porque os discentes não respeitam as limitações impostas em relação à proibição do uso de dispositivos móveis. Neste sentido, não somente na escola, como também nos ambientes organizacionais, a tecnologia tem sido cada vez mais constante. Entretanto, à medida que a tecnologia avança, profissionais da educação veem como algo ameaçador no processo de aprendizagem.

<sup>1</sup> Professores na educação básica de Minas Gerais e estudantes do curso de Licenciatura em Computação, da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF.

Portanto, esta pesquisa se faz relevante, pois é necessário compreender como tem sido concretizado o processo de leitura entre os jovens e refletir sobre o impacto para a aprendizagem. Diante dessa perspectiva, procurou-se pesquisar, através de um estudo de caso, qual é o perfil de utilização da tecnologia relacionada à leitura dos alunos de uma escola estadual localizada no Centro da cidade de Governador Valadares / MG.

A instituição foi escolhida porque um dos autores deste trabalho é professor efetivo da disciplina de Língua Portuguesa. Assim, o critério de seleção dos alunos entrevistados deu-se a partir da atuação deste professor no ano letivo de 2017, o qual lecionava nas turmas de 2ª série do ensino médio regular, no turno matutino, totalizando 211 alunos matriculados, com idade entre 16 a 18 anos.

Foi disponibilizado um questionário criado através do Google Formulários e por meio de um link nos grupos de Whatsapp e em sala de aula para que os alunos pudessem acessá-lo tanto em casa quanto nos computadores da escola. Do quantitativo de alunos matriculados 188 adolescentes responderam ao questionário.

Em relação às perguntas realizadas, apresenta-se o gráfico 1, o qual comprova que os adolescentes possuem um alto índice de acesso à internet por meio de vários aparelhos eletrônicos. O celular foi o mais popular entre os adolescentes, 185 alunos (98,4%) afirmaram ter celular com acesso à internet; seguido do notebook e computador de mesa, 97 alunos (51,5%) e 73 alunos (38,8%), respectivamente. Em menor quantidade, 67 alunos (35,6%) possuem acesso à internet através da televisão Smart TV, 43 alunos (22,8%) possuem Tablet/Ipad, seguido de 42 alunos(22,3%) que possuem videogame com acesso à internet.

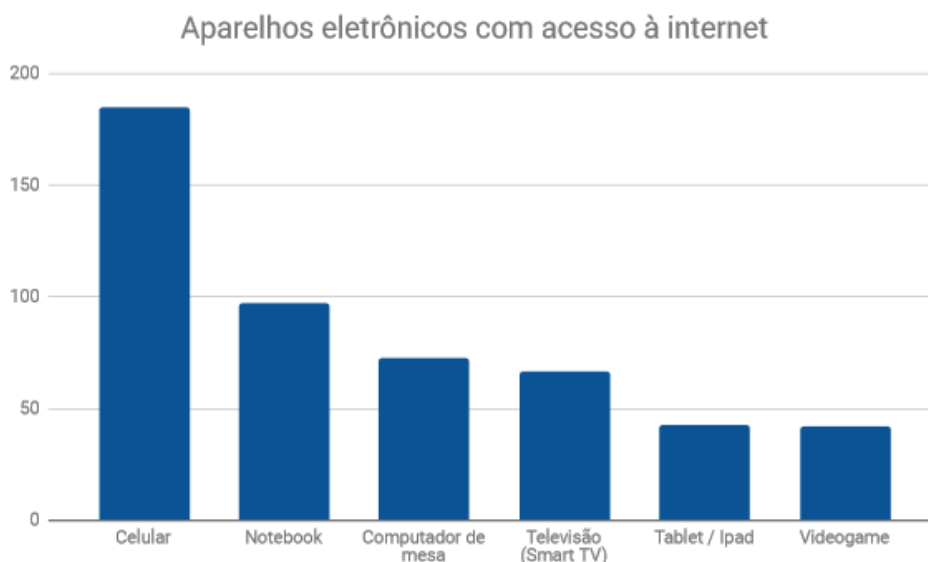


Gráfico 1 - Tipos de aparelhos eletrônicos com acesso à internet.  
Fonte: Os Autores (2017)

As informações do gráfico 1 são relevantes, pois demonstram que o professor pode contar com o auxílio dos aparelhos eletrônicos que os alunos possuem. Contudo, os discentes têm dificuldades com tecnologias, conforme Rosa (2013) aponta que a maioria dos

professores investigados não utilizam tecnologia em salas de aula por falta de conhecimento, como também, dificuldades de atrelar os conteúdos aos recursos tecnológicos. Portanto, as inúmeras tentativas de inserir recursos tecnológicos perpassa na formação continuada de professores para que os estabelecimentos de ensino acompanhem as mudanças sociais.

No Gráfico 2 percebe-se que 22,3% dos alunos leram pelo menos um livro, seguido por 19,7% dos alunos que leram dois livros, 18,1% que leram três, 9,6% leram quatro e 14,9% leram cinco.

QUANTIDADE DE LIVROS LIDOS EM 2017

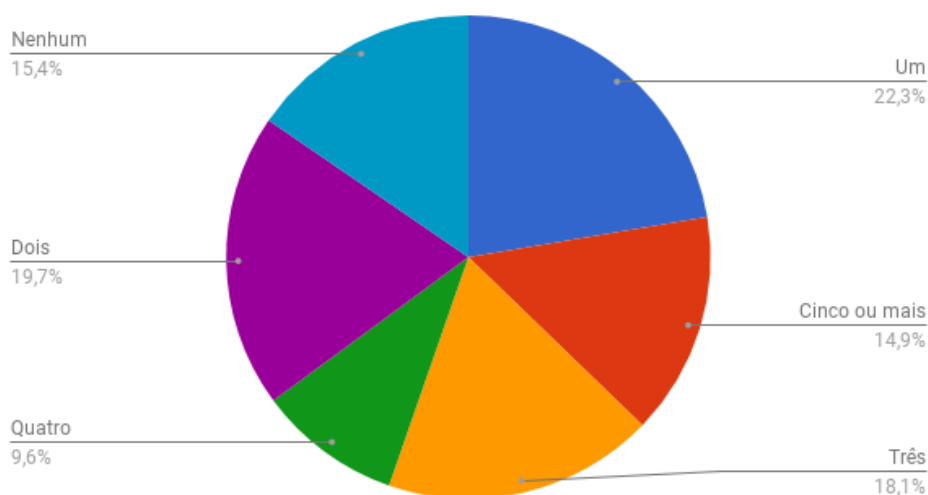


Gráfico 2 - Quantitativo de livros lido no ano de 2017 pelos alunos  
 Fonte: Os autores (2017)

Os alunos que leram apenas um livro no ano letivo de 2017 (22,3%), possivelmente tenham se referido à leitura orientada do livro chamado “Um sonho no caroço do Abacate” de Moacyr Scliar. A leitura oral foi realizada durante as aulas de Língua Portuguesa em conjunto com a bibliotecária que desenvolve o projeto “Estratégias de Incentivo à leitura nas escolas estaduais do estado de Minas Gerais”, projeto proposto pela Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais (2017).

A prática de imposição de leitura é secular na educação básica, entretanto tem discutido-se os prejuízos desta imposição. Neitzel; Pareja; Hochmann (2013) em sua pesquisa sobre prática de leitura entre adolescentes conclui que o professor ao propor obras para serem lidas, deve evitar a imposição, pois os alunos realizam leituras superficiais apenas no intuito de realizar a atividade, que geralmente apresenta cunho avaliativo.

Em relação ao quantitativo de 15,4% dos alunos que responderam não terem lido nenhum livro literário durante o ano, faz questionar sobre o porquê de tal resposta, já que foram destinadas quatro aulas para a leitura oral do livro.

Um estudo realizado com jovens comprova que os alunos têm a concepção de que leitura não pode ser um ato de lazer, aprendizagem ou de entretenimento, apenas se lê por obrigação ou para fins acadêmicos. Além disso, o quantitativo de livros lidos pelos jovens

corroborar com o resultado da presente pesquisa, pois enquanto uns dizem ler apenas cinco livros por ano, outros dizem 50 até 60 livros no mesmo período de tempo (SANFELICI e SILVA, 2015).

Em uma pesquisa semelhante à realizada neste artigo, Travancas (2012) obteve resultados semelhantes em relação ao hábito de leitura de alunos do ensino fundamental e médio: 67,6% afirmaram que costuma ler, 9,9% disseram que não costumam ler e 22,5% não responderam. Na presente pesquisa 84,6% dos alunos entrevistados leram pelo menos um livro em 2017. Como dito anteriormente, foi realizada uma leitura orientada, sendo, portanto, uma leitura obrigatória a todos os alunos que estavam presentes em sala de aula. Ao considerar os alunos que leram, pelo menos dois livros, chega-se à quantidade de que 62,3% dos alunos leem sem o auxílio do professor, resultado semelhante ao de Travancas (2012), o qual apresenta 67,6% de alunos leitores.

O gráfico a seguir demonstra que 89,9% dos alunos utilizam a internet para leitura, contra 10,1% dos alunos que não leem pela internet. Em função do questionário ter sido somente perguntas fechadas, não foi possível identificar o motivo pelo qual estes 10,1% de alunos alegam ter acesso à internet e não a utilizá-la para leitura.

### UTILIZAÇÃO DA INTERNET COMO SUPORTE PARA LEITURA

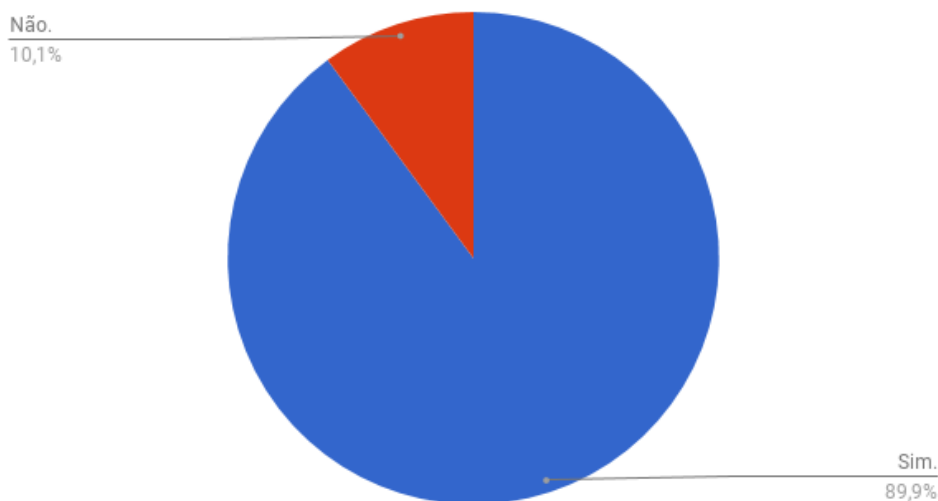


Gráfico 3 - Porcentagem de alunos que utilizam a internet para leitura  
Fonte: Autores (2017)

Em complemento ao gráfico acima, pode-se analisar o gráfico 4, em que 81 alunos responderam utilizar sites/aplicativos de leitura. Provavelmente, trata-se de livros digitais (*e-books*) que podem ser lidos através da internet (online), pelo computador ou celular. Os alunos, responderam utilizar outros sites / aplicativos para lerem, conforme demonstrado a seguir:



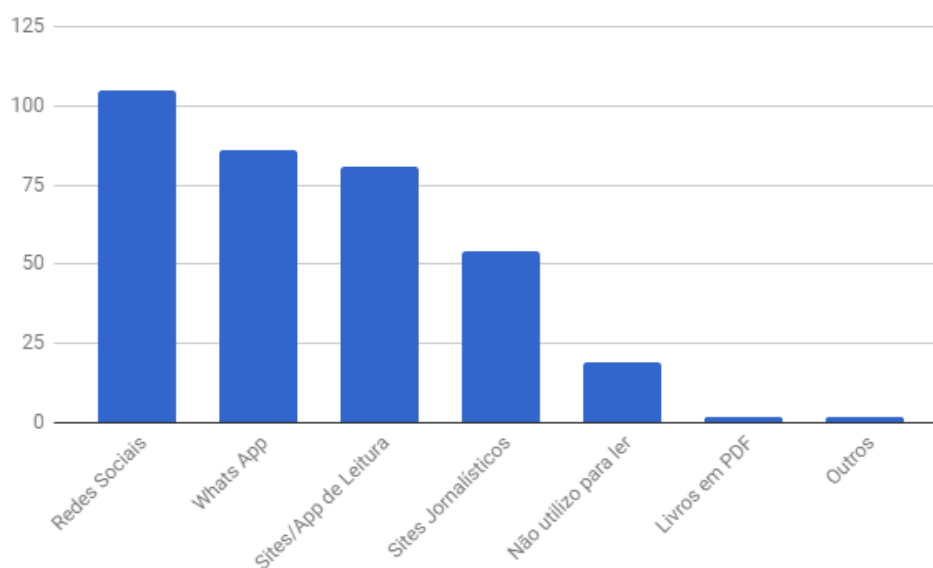


Gráfico 4 - Frequência absoluta de preferências de leitura pelos alunos  
 Fonte: Autores (2017)

Assim, ao serem questionados sobre quais as ferramentas são utilizadas para lerem na internet, a maioria respondeu ler textos<sup>2</sup> nas redes sociais (105), logo após aplicativo de mensagem *WhatsApp* (86), depois sites ou aplicativos de leitura (81), site jornalístico (54), livros em PDF (2) e outros meios digitais não explícitos na pesquisa (2).

Correia, Fragatti e Santa Clara (2017) realizaram uma pesquisa sobre as preferências de leitura com adolescentes de 14 a 18 anos de uma escola particular. Os dados obtidos pelas pesquisadoras demonstraram que 39% dos alunos responderam preferir ler nas redes sociais, 29% em livros, 9% em jornais e revistas e 6% em outros recursos. Portanto, estes dados corroboram com a presente pesquisa em alguns dados, pois nas duas pesquisas a maioria dos jovens prefere ler em redes sociais, seguido de sites e aplicativos de leitura, apenas uma pequena parte disse buscar outros meios para leitura em ambiente virtual.

Desta forma, é possível perceber que a leitura em meio digital é uma realidade crescente, cabendo aos profissionais de educação aproveitarem deste potencial para incentivar o hábito de leitura. É importante a reflexão de que a referência ao processo de desenvolvimento da leitura e escrita dos jovens é preciso considerar algumas questões importantes, tais como: fatores sociais, econômicos e culturais. Entretanto, a sociedade mudou com a globalização e partir disso, o processo de multiletramento assume um patamar maior, pois imergem nos novos comportamentos de leitura, auxiliando no desenvolvimento do conceito de mundo (NASCIMENTO, 2011).

Diante desta nova perspectiva, os jovens são consumidores assíduos de tudo que provém dos ambientes virtuais, contudo é preciso que a família e escola estejam atentos quanto à qualidade das informações/conhecimentos adquiridos entre os jovens no meio

<sup>2</sup> A concepção de texto utilizada neste trabalho se refere a “unidade comunicativa básica, aquilo que as pessoas têm a declarar umas às outras” (OLIVEIRA, 2015, p. 194). Portanto, uma mensagem veiculada através de Whats app ou Redes Sociais pode ser considerada texto.

digital. Embora muitos acreditem que as leituras realizadas pelas redes sociais e Whatsapp possuem um grau de criticidade inferior, nestes espaços há circulação de textos com objetivo de manipulação e alienação, como também, há textos como charges, memes, tirinhas com teor crítico perante aos fatos ocorridos na sociedade. Estas situações devem ser pauta em sala de aula visando alertar alunos sobre o objetivo e o impacto da circulação de determinados textos.

Além disso, estas ferramentas exigem a troca de mensagem de forma ágil, reforçando a linguagem informal por meio de emoticons e redução de palavras. Neste sentido, reforça-se, mais uma vez, a importância da intervenção do professor neste processo, pois os alunos devem refletir que a linguagem informal utilizada pelas redes sociais e Whatsapp são válidas naquele ambiente. É necessário, que o aluno, domine também, a norma culta da língua para que ele possa utilizá-la nos momentos em que ela for exigida, como o caso de vestibulares e no ambiente organizacional.

Os dados obtidos no Gráfico 5 reforçam que é urgente o auxílio do professor nas atividades desenvolvidas por estes alunos no ambiente digital, uma vez que 59% dos entrevistados acreditam que o tempo destinado na internet atrapalha os estudos. Por outro lado, 41% dos alunos consegue mediar o tempo na internet com os estudos.

### O tempo que você passa na internet atrapalha os seus estudos?

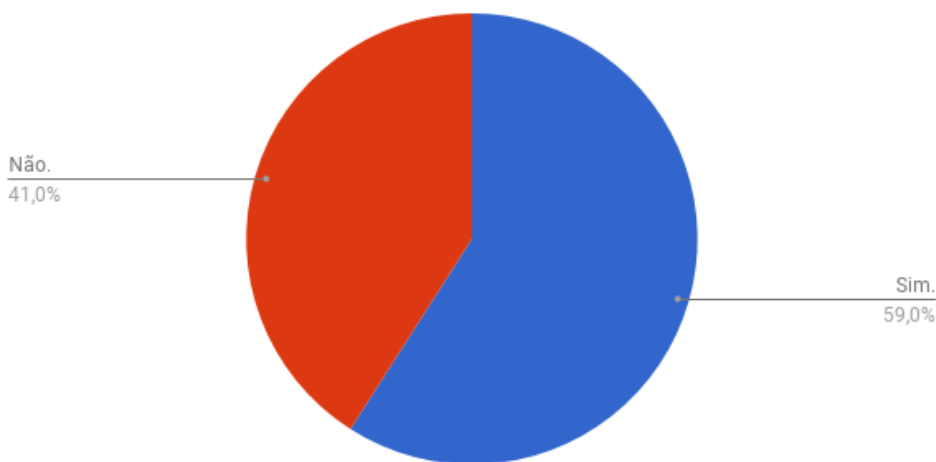


Gráfico 5 - Opinião dos alunos em relação ao uso da internet e sucesso escolar  
Fonte: Autores (2017)

O gráfico 6 traz uma informação importante, pois 94,1% dos adolescentes entrevistados consideram aprender alguma coisa nova ao utilizarem a internet. Isso demonstra que há uma consciência por parte dos discentes de que a internet possa ser um ambiente de aprendizagem, conforme demonstrado a seguir:

O tempo que você passa na internet, você considera aprender alguma coisa nova?

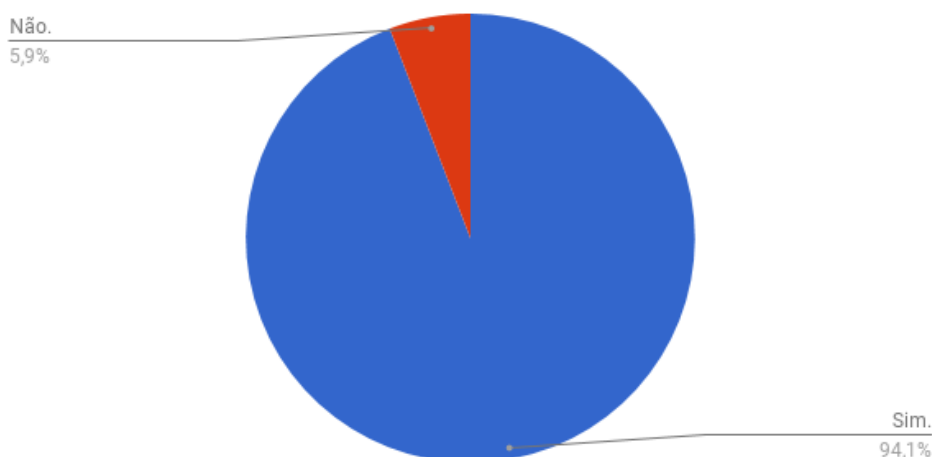


Gráfico 6 - Tempo gasto na internet relacionado à aprendizagem  
Fonte: Autores (2017)

Neste sentido, estudos têm buscado estratégias de ensino através das redes sociais no intuito de aproximar os jovens pelo interesse pela leitura. Patrício e Gonçalves (2010) apontaram que ao utilizarem o Facebook como uma ferramenta educativa, perceberam alunos mais interessados e passaram a abandonar as “conversas” informais para um espaço de troca de conhecimentos.

Embora haja o reconhecimento de que a internet possa ser um ambiente propício para o processo de ensino/aprendizagem, a percepção dos alunos em relação ao professor demonstrou que poucos têm utilizado a tecnologia em sala de aula, conforme o gráfico 7:

Os seus professores utilizam a tecnologia durante as aulas?

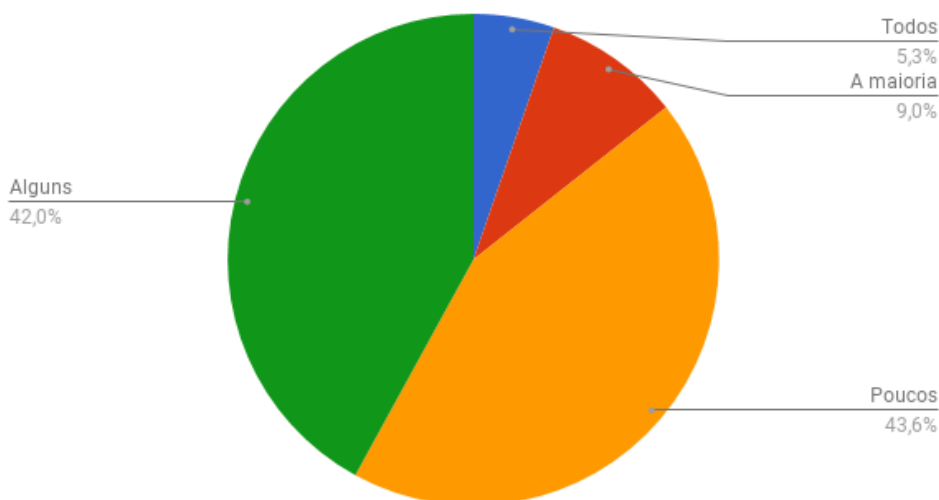


Gráfico 7 - Percepção dos alunos sobre a utilização da tecnologia pelos professores.  
Fonte: Autores (2017)

No gráfico anterior, 43,6% dos alunos responderam que poucos professores utilizam tecnologia durante as aulas, posteriormente, 42% acreditam que alguns professores utilizam tecnologia. Em menor quantidade, 9% diz que a maioria seguido de 5,3% alegando que todos os professores utilizam a tecnologia. Esta divergência mínima pode estar relacionado a alguns alunos acreditarem que o uso da tecnologia pode ser considerada como o momento em que o professor faz a chamada e lançamento da matéria lecionada pelo diário eletrônico.

Assim, esta pesquisa pôde demonstrar que há um panorama propício para a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação - TICs no ambiente escolar. É necessário reconhecer que há limitações de diversos tipos, tais como: a falta de capacitação e baixa remuneração dos professores, estrutura física das escolas insuficiente, ausência de interesse dos alunos, entre outros aspectos. Entretanto, os profissionais da área de educação precisam se conscientizar que apesar de todas as dificuldades a formação de qualidade para o aluno é o maior benefício para tornar os jovens capazes para enfrentar os desafios da contemporaneidade e aptos para o mercado de trabalho.

#### 4. Considerações Finais

A leitura é um elemento essencial para consolidação do processo de ensino/aprendizagem de alunos na fase escolar, seja na educação básica ou ensino superior. Desta forma, as demandas da atualidade exigem que os indivíduos não sejam apenas alfabetizados, é necessário que haja uma leitura de mundo, ou seja, compreender um texto exige não apenas decodificar as palavras do texto, mas relacioná-las entre si e à realidade a que os sujeitos estão inseridos.

Os textos surgidos após a criação e popularização da internet estão cada vez mais imersos na população. Neste sentido, é necessário que as instituições de ensino estejam preparadas para lidar com esta nova forma de leitura. Entretanto, é notável que há falta estrutura física e ausência de preparos por parte do corpo docente.

Em meio a estes fatores, o educando é prejudicado pela ausência de orientações para uma leitura eficaz no meio digital. Conforme visto na análise dos dados desta pesquisa, e em outras que abordam o nível de conectividade de adolescentes, é fato que quase todos eles possuem acesso à internet e passam muito tempo conectados. Por isso, é urgente e necessário que os profissionais da educação estejam preparados a orientá-los para uma leitura eficaz.

Muitas vezes, esta discussão de implantação de tecnologias torna-se cansativa pela quantidade de estudos que comprovam a eficiência desta ferramenta para o ensino/aprendizagem. Entretanto, ainda encontra-se em escolas profissionais que insistem em proibir a qualquer custo o uso de aparelhos eletrônicos em sala de aula. Este é um fator preocupante, pois embora muito se discuta este tema, a repulsão aos meios tecnológicos como ferramenta de ensino/aprendizagem continua sendo constante em espaços escolares.

## 5. Referências Bibliográficas

BALADELI, Ana Paula Domingos. Hipertexto e multiletramento: revisitando conceitos. **Revista escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU**, v. 2, n. 4, p. 1-11, 2011. Disponível em <[http://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/52/pdf\\_44](http://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/52/pdf_44)> Acesso em: 12 de jan de 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>> Acesso em: 10 de Jan de 2018.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

CAIXETA, Adriana de Oliveira; RIBEIRO; Caroline Tainá; SANTOS, Larissa Andrade; FRANÇA, Lucas Vinícius Oliveira de; ROCHA, Talita de Oliveira; CARVALHO, Tayssa Cunha; REEDIJK, Carolina da Cunha. Práticas de leitura no Ensino Médio: como inovar?. **Revista Crátilo**, v. 9, n. 1, p. 66-79, 2016. Disponível em <<http://cratilo.unipam.edu.br/documents/32405/1320530/Pr%C3%A1ticas+de+leitura+no+Ensino+M%C3%A9dio+-+como+innovar.pdf>> Acesso em 09 de Jan de 2018.

CATTO, Nathalia Rodrigues. A relação entre o letramento multimodal e os multiletramentos na literatura contemporânea: alinhamentos e distanciamentos. **Fórum Linguístico**, v. 10, n. 2, p. 157-163, 2013. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2013v10n2p157/25548>> Acesso em: 12 de jan de 2018.

CUNHA, Silvia Helena Muniz da. **Práticas de leitura na cultura digital: pensando o aprendizado da leitura no ensino superior**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade de Santa Cruz do Sul. Rio Grande do Sul, 123 f. 2015. Disponível em <<http://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/215/1/SilviaHelenaMunizCunha.pdf>> Acesso em: 09 de Jan de 2018.

CORREIA, Raquel Pinto; FRAGATTI, Poliana; CLARA, Gisele Tosi de Santa. Preferências de leitura dos estudantes de ensino médio. **RBBB. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 919-931, 2017. Disponível em <<https://febab.emnuvens.com.br/rbbd/article/view/1013/703>> Acesso em: 13 de jan de 2018.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Tradução de Izabel MAGALHÃES. 2ª. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2016.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a Mídia: Novos diálogos sobre educação**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

HACK, Josias Ricardo; NEGRI, Fernanda. Escola e tecnologia: a capacitação docente como referencial para a mudança. **Ciências & Cognição**, v. 15, n. 1, p. 89-99, 2010. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cc/v15n1/v15n1a09.pdf>> Acesso em: 12 de jan de 2018.

MATA, Lourdes; MONTEIRO, Vera; PEIXOTO, Francisco. Motivação para a leitura ao longo da escolaridade. **Análise Psicológica**, v. 27, n. 4, p. 563-572, 2009. Disponível em <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S0870-82312009000400010&script=sci\\_arttext&tlng=en](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S0870-82312009000400010&script=sci_arttext&tlng=en)> Acesso em: 13 de jan de 2018.

NASCIMENTO, Roseli Gonçalves do; BEZERRA, Fábio Alexandre Silva; HEBERLE, Viviane Maria. Multiletramentos: iniciação à análise de imagens. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 14, n. 2, p. 529-552, 2011. Disponível em <<http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/38>> Acesso em: 14 de jan de 2018.

NEITZEL, Adair Aguiar; PAREJA, Cleide Jussara Muller; HOCHMANN, Serenita. Práticas de leitura no ensino médio: o Pibid de Letras. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 94, n. 238, 2013. Disponível em <<http://rbep.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/358/349>> Acesso em: 25 maio de 2018.

OLIVEIRA, M. R. D. Linguística textual. In: MARTELOTTA, M. E. **Manual de Linguística**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 193-204.

ROSA, Rosemar. Trabalho docente: dificuldades apontadas pelos professores no uso das tecnologias. In: **Anais do Encontro de Pesquisa em Educação e Congresso Internacional de Trabalho Docente e Processos Educativos**. 2013. p. 214-227. Disponível em <<http://www.revistasdigitais.uniube.br/index.php/anais/article/view/710/1007>> Acesso em: 20 maio de 2018.

SABINO, Maria Manuela do Carmo de. Importância educacional da leitura e estratégias para a sua promoção. **Revista iberoamericana de educación**, v. 45, n. 5, p. 1-11, 2008. Disponível em <<https://rieoei.org/historico/jano/2398Sabino.pdf>> Acesso em: 12 de jan de 2018.

SANFELICI, Aline de Mello ; SILVA, Fábio Luiz da. Os adolescentes e a leitura literária por opção. **Educar em Revista**, n. 57, 2015. Disponível em <<http://www.redalyc.org/html/1550/155042189013/>> Acesso em 19 maio de 2018.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista brasileira de educação**, 2009. Disponível em <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/202758>> Acesso em: 14 de Jan de 2018.

SILVA, D. E. G. D. Percursos teóricos e metodológicos em análise do discurso: uma pequena introdução. In: SILVA, D. E. G. D.; VIEIRA, J. A. **Análise do discurso: Percursos teóricos e metodológicos**. Brasília: Plano, 2002. p. 7-19.

TANZI NETO et al. **Multiletramentos em ambientes educacionais**. In: ROJO, Roxane et al. Escola conectada: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.

TRAVANCAS, Isabel. Adolescentes cariocas e a leitura. Anais do SIELP. Volume 1, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-0313-1.pdf>> Acesso em: 13 de jan de 2018.

VILLAR, M. D. S. **Dicionário Houaiss Conciso**. São Paulo: Moderna, 2011.

XAVIER, Antonio Carlos. Reflexões em torno da escrita nos novos gêneros digitais da internet. **Revista Investigações**. v. 18, n. 2, 2005. Disponível <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1484>> Acesso em: 10 de Jan de 2018.